

CAPITALISMO TARDIO E TERCEIRA REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA

*Cristiane Maria Marinho**

Introdução

Para Mandel, a história do capitalismo no plano internacional surge como uma sucessão de movimentos cíclicos a cada 7 ou 10 anos e também como uma sucessão de períodos mais longos, 50 anos mais ou menos, e afirma termos a experiência de quatro:

- o período entre o fim do século XVIII e a crise de 1847, caracterizado pela difusão da máquina a vapor de fabricação artesanal ou manufatureira em todos os ramos e regiões industriais mais importantes, ou seja, a onda longa da Revolução Industrial;
- o período circunscrito pela crise de 1847 e o início da década de 90 do século XIX, caracterizado pela generalização da máquina a vapor de fabrico mecânico como a principal máquina motriz: a onda longa da primeira revolução tecnológica;
- o período compreendido entre o início de 1890 e a Segunda Guerra Mundial, caracterizado pela aplicação generalizada dos motores elétricos e a combustão a todos os ramos da indústria: a onda longa da segunda revolução tecnológica; e
- o "período iniciado na América do Norte em 1940 e nos outros países imperialistas em 1945/48, caracterizado pelo controle generalizado das máquinas por meio de aparelhagem eletrônica (bem como pela gradual introdução da energia nuclear). Essa foi a onda

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira – FAGED/ UFC; professora do Departamento de Filosofia da UECE. Pesquisadora do Laboratório de Estudos do Trabalho e Qualificação Profissional – LABOR/UFC; bolsista da FUNCAP.

longa da terceira revolução tecnológica." (MANDEL, 1985, p. 83-84).¹

Dessa forma, pode-se afirmar com Mandel, que a terceira revolução tecnológica é parte essencial do capitalismo tardio, no qual a ampliação da mais-valia relativa é o método característico de extração de sobretrabalho. Depois da Grande Depressão, foram o rearmamento e a Segunda Guerra Mundial que impulsionaram nova acumulação de capital,

(...) ao reintroduzirem grandes volumes de capital excedente na produção de mais-valia. Essa reinjeção de capital foi acompanhada por um acréscimo significativo na taxa de mais-valia (...) (MANDEL, 1985, p. 125).

¹ Aqueles longos períodos podem ser subdivididos em dois momentos: num primeiro, caracterizado por uma revolução tecnológica, com a criação dos locais de produção e o atendimento das demandas dos novos meios de produção. Nessa fase, temos aceleração da taxa de lucros ampliada, da acumulação, do crescimento, da auto-expansão do capital anteriormente ocioso e da desvalorização do capital antes investido no Departamento I. No segundo, já com a revolução tecnológica produtiva efetivada, funcionam os novos locais de produção demandados pelos novos meios de produção:

Trata-se, agora, de tornar os meios de produção desses novos locais de produção universalmente adotados em todos os ramos da indústria e da economia. Assim se dissolve a força que determinou a expansão repentina, em grandes saltos, da acumulação do capital no Departamento I: em consequência, essa fase se torna caracterizada por lucros em declínio, acumulação gradativamente desacelerada, crescimento econômico desacelerado, dificuldades cada vez maiores para a valorização do capital total acumulado – e em particular do novo capital adicionalmente acumulado – e o aumento gradativo, auto-reprodutor, no capital posto em ociosidade. (MANDEL, 1985, p. 84).

Para Mandel, segundo esse esquema, o final da década de 70 do século XX configura a segunda fase da "longa onda" iniciada pela Segunda Guerra Mundial, caracterizada por uma acumulação desacelerada de capital (Cf. MANDEL, 1985, p. 85).

Essas "ondas longas" não são mecânicas, mas acontecem pela articulação dos "ciclos clássicos", como o resultado dessas flutuações cíclicas, nos diz Mandel. Na fase de expansão de uma onda longa, os períodos cíclicos de prosperidade são extensos e intensos, e as crises cíclicas de superprodução são curtas e superficiais. Já na fase com tendência à estagnação, os períodos de prosperidade são amenos e passageiros, enquanto os períodos das crises cíclicas de superprodução apresentam-se longos e profundos.

Foram as taxas crescentes de mais-valia e de lucros que propiciaram o início da terceira revolução tecnológica. Depois de intensa industrialização, o capital passou a investir na semi-automação e automação (Estados Unidos, Alemanha Ocidental e Japão) que ocasionaram grande expansão na produtividade do trabalho no Departamento II, e a partir daí uma expansão correspondente na produção de mais-valia relativa que só começa a declinar quando a dinâmica dessa onda longa expansionista passou a favorecer a classe operária, com um pronunciado aumento nos salários reais.

Esse momento áureo do capitalismo tardio refluíu internacionalmente quando aquela expansão desmobilizou e diminuiu drasticamente o exército industrial de reserva e novas gerações começaram outras reivindicações. Neste cenário, a taxa de lucro caiu e não teve mais condições de permanecer elevada. Assim, o capital teve que acirrar a sua luta em busca da elevação da taxa de mais-valia que havia diminuído em razão do alto nível de emprego que fortalecia os assalariados. Essa busca de elevação, porém, encontrava os seguintes obstáculos: autonomia de negociação e liberdade sindicais e o irrestrito direito de greve, aos quais foram dirigidas várias leis, por um Estado forte, objetivando seu fim.

Nesse período, o capital dispunha de dois meios para reconstruir o exército industrial: 1- intensificar as exportações de capital para onde ainda existisse excesso de força de trabalho e inviabilizar os investimentos internos, não trazendo força de trabalho para onde havia excesso de capital; 2- intensificar a automação, ou seja, investir para liberar ao máximo o trabalho vivo, tendo uma industrialização mais intensiva do que extensiva. Daí a importância decisiva da terceira revolução tecnológica no capitalismo tardio. Mandel afirma que no

(...) capitalismo de livre concorrência a fonte principal de reprodução ampliada parece ter sido o desenvolvimento desigual e combinado de regiões diferentes no interior dos mais importantes países capitalistas. A libe-

ração resultante de capital-dinheiro através da penetração progressiva da circulação mercantil capitalista na agricultura, e da separação dos produtores com relação à terra, conduziu a um fluxo contínuo de capital-dinheiro para os mais importantes distritos industriais, onde ex-camponeses marginalizados formaram um exército industrial de reserva. (MANDEL, 1985, p. 129).

Relativamente ao desenvolvimento tecnológico, esse período do capitalismo de livre concorrência tem duas fases: na primeira tem a produção, artesanal ou manufatureira, de máquinas motrizes e das máquinas que produzem essas máquinas motrizes. A produção de matérias-primas agrícolas era realizada pela indústria rural e apenas as indústrias do ferro e do carvão tinham alguns processos de produção mecanizados. O predomínio do trabalho manual nesses setores, porém, correspondia a uma baixa composição orgânica de capital. Na segunda fase,

(...) a produção mecânica também ingressou na esfera das máquinas motrizes, dos motores a vapor. Chegou-se ao ponto em que as máquinas produziam máquinas para construir outras máquinas. Todavia, também nessa fase, continuou a predominar a produção artesanal de matérias-primas. (MANDEL, 1985, p. 129).

Dessa forma, nas duas primeiras fases do capitalismo de livre concorrência, a grande indústria operada por máquinas prevaleceu somente na indústria de bens de consumo, principalmente na indústria têxtil. A produção industrial de meios de transportes, principalmente ferrovias, só surge na segunda fase desse período, e foi determinante no aparecimento da "onda longa com tonalidade expansionista" no período de 1847 a 1873.

O fato decisivo, no entanto, do início do imperialismo foi a consequência das seguintes mudanças no modo de produção capitalista:

Por um lado, o Departamento I trocou a produção mecânica de motores a vapor pela produção mecânica de motores elétricos. A transformação resultante de todo o

processo de produção no Departamento I causou grande aumento na composição orgânica do capital do subdepartamento I, produtor de capital constante fixo. Mas uma transformação também ocorreu na tecnologia do subdepartamento do Departamento I, produtor de capital constante circulante - a produção de matérias-primas. (MANDEL, 1985, p. 130-131).

Mandel caracterizou essa transformação como uma transição da produção artesanal de matérias-primas para sua produção por métodos manufatureiros ou do início da indústria.

Todas essas modificações deram origem à substituição da exportação de bens de consumo para regiões pré-capitalistas por exportação de capitais, e à compra de artigos de infra-estrutura (vias férreas, locomotivas e instalações portuárias) para dar agilidade e baratear a exportação de matérias-primas produzidas com o capital metropolitano. Segundo Mandel, essa foi a razão decisiva para o aparecimento da nova estrutura imperialista da economia capitalista mundial, juntamente com a concentração crescente do capital.

Essa variação no modo de produção capitalista, também explica a transição do capitalismo de livre concorrência ao capitalismo monopolista:

A penetração maciça do capital no Departamento I criou locais de produção que (...), deviam operar com instrumentos ciclóticos de produção e, conseqüentemente, volumes ciclóticos de capital. Houve um crescimento enorme no mínimo de capital requerido para se competir nesse campo. Cada vez mais, a concorrência conduziu à concentração; só um número reduzido de empresas independentes e companhias de capital aberto conseguiu sobreviver. (MANDEL, 1985, p. 132).

A coincidência da fase de estagnação de 1873/93 com a segunda revolução tecnológica, principalmente os motores elétricos, representou a formação de trustes e monopólios. Essa monopolização ocorreu "mais rapidamente nos 'novos' ramos industriais (aço, máquinas elétricas, petró-

leo) e nas “novas” nações industriais (Estados Unidos, Alemanha) do que nos “velhos” ramos da indústria (têxteis, carvão) e nos ‘velhos países industriais (Inglaterra, França).” (MANDEL, 1985, p. 132).

Terceira Revolução Tecnológica e Capitalismo Tardio

Já na fase imperialista dos anos 30 e 40 do século XX, eram quatro os objetivos principais do capital, que por sua vez estão referidos à origem imediata da terceira revolução tecnológica:

- 1) aumento imediato na taxa de mais-valia (fascismo, economia de guerra);
- 2) valorização imediata do capital excedente por meio do rearmamento;
- 3) nova tentativa de reduzir o custo do capital constante, com inserção maciça do capital na produção de matérias-primas mediante tecnologia industrial avançada, visando a diminuir também o tempo de rotação do capital e
- 4) redução dos custos salariais no preço das mercadorias e experimentos nos campos da semi-automação e da automação.

A terceira “onda longa com tonalidade expansionista”, de 1945 a 1965, resultou da efetivação desses objetivos. A taxa de lucros se elevou novamente e permitiu a expansão de capital utilizando o acumulado não valorizado do período 1929/39:

Entre outros aspectos, esse novo período caracterizou-se pelo fato de que, paralelamente aos bens de consumo industriais feitos por máquinas (surgidos no início do século XIX) e das máquinas de fabricação mecânica (surgidas em meados do século XIX), deparamo-nos agora com matérias-primas e gêneros alimentícios produzidos por máquinas. Longe de corresponder a uma ‘sociedade pós-industrial’, o capitalismo tardio aparece assim como o período em que, pela primeira vez, todos os ramos da

economia se encontram plenamente industrializados; ao que ainda seria possível acrescentar a mecanização crescente da esfera da circulação (excetuados os serviços de simples conserto) e a mecanização crescente da superestrutura. (MANDEL, 1985, p. 134).

Esse quadro determinou um nivelamento geral da produtividade média do trabalho na produção dos dois grandes departamentos. E essa composição orgânica média do capital, nos diz Mandel, é parte da essência mesma na automação aplicada à produção em massa.

Assim, a época do capitalismo tardio se assemelha muito àquela de meados do século XIX: acontece uma igualização crescente da produtividade média do trabalho. Mandel retira daí duas conclusões:

- 1) a realização de superlucros não ocorre mais pelas diferenças regionais ou internacionais de produtividade e sim por meio das diferenças entre setores e empresas. Antes do século XIX, caracterizado pela diminuição das diferenças na produtividade do trabalho entre os dois departamentos, o capital podia fugir à diminuição do lucro, deslocando-se para a agricultura ou para as colônias e semicolônias, o que já não mais ocorre ou acontece de forma muito limitada e
- 2) uma conseqüente aceleração na inovação tecnológica como alternativa de fonte de mais-valia por intermédio de "rendas tecnológicas:"

Desenvolve-se assim uma pressão permanente para acelerar a inovação tecnológica, pois a redução de outras fontes de mais-valia resulta inevitavelmente numa busca contínua de 'rendas tecnológicas' que só podem ser obtidas através da incessante renovação tecnológica. As rendas tecnológicas são superlucros derivados da monopolização do progresso técnico – isto é, de descobertas e invenções que baixam o preço de custo de mercadorias mas não podem (pelo menos a médio prazo) ser generalizadas a determinado ramo da produção e apli-

cadadas por todos os concorrentes devido à própria estrutura do capital monopolista: dificuldades de entrada, dimensões do investimento mínimo, controle de patentes, medidas cartelizadoras, e assim por diante. Nesse sentido, a superprodução latente de bens de consumo na época do capitalismo de livre concorrência e o capital excedente em estado latente da era do imperialismo dão lugar, na fase do capitalismo tardio, à superprodução latente de meios de produção enquanto forma predominante das contradições econômicas da economia capitalista, embora evidentemente combinada com essas duas outras formas. (MANDEL, 1985, p. 135).

Quanto à origem da terceira revolução tecnológica, Mandel acentua que a possibilidade técnica da automação provém da economia armamentista, das necessidades técnicas de desenvolvimento da economia armamentista:

A aplicação produtiva dessa nova tecnologia começou nos setores da indústria química para os quais a força impulsionadora decisiva é o barateamento do capital constante circulante. Do início dos anos 50, ela se difundiu gradativamente por um número crescente de esferas, onde o objetivo principal era a redução radical dos custos salariais diretos – isto é, a eliminação do trabalho vivo do processo de produção. (MANDEL, 1985, p. 135).

Outro fator originário da terceira revolução tecnológica é, em 1954, o início do uso de máquinas eletrônicas de processamento de dados no setor privado da economia norte-americana em diversos ramos da produção. Temos aí, então, a inovação tecnológica acelerada e os superlucros tecnológicos que caracterizam o capitalismo tardio. É daquele ano que data o término do período de reconstrução após a Segunda Guerra Mundial e o início do surto de crescimento rápido desencadeado pela terceira revolução tecnológica. Mandel destaca dez características econômicas principais da terceira revolução tecnológica:

- 1) aceleração qualitativa do aumento na composição orgânica do capital, ou seja, deslocamento do trabalho vivo pelo trabalho morto;
- 2) transferência de força de trabalho viva, ligada ao processo de produção, do tratamento das matérias-primas para funções de preparação e supervisão, atividades criadoras de valor e determinantes da forma do valor de uso produzido. De forma geral, a terceira revolução tecnológica, sob o capitalismo tardio, se caracteriza por este processo de integração da capacidade social de trabalho;
- 3) além da criação do valor pela força de trabalho, agora nas empresas plenamente automatizadas, é a preservação do valor que se torna fundamental, pois, juntamente com a transferência automática de uma parcela do valor da maquinaria e das matérias-primas para o valor da mercadoria acabada, há também economia de meios de trabalho, poupança de valor, correspondente ao enorme crescimento em valor e à generalização do uso de máquinas automáticas controladas ciberneticamente;
- 4) modificação entre a criação de mais-valia na própria empresa e a apropriação de mais-valia gerada em outras empresas ou ramos automatizados;
- 5) alteração entre os custos de produção e o gasto com a compra de novas máquinas na estrutura do capital fixo, ou seja, nos investimentos industriais;
- 6) diminuição do período de produção contínua e da aceleração radical do trabalho de preparação e instalação. Abreviação do período de circulação, rotação menor do capital, mediante o planejamento de estoques e pesquisa de mercado;
- 7) propensão para acelerar a inovação tecnológica e acentuado aumento nos custos de "pesquisa e desenvolvimento";
- 8) diminuição da vida útil do capital fixo, principalmente da maquinaria. Tendência a planejar a produção dentro de cada empresa e na economia como um todo;

- 9) aumento na participação do capital constante no valor médio da mercadoria, em virtude da composição orgânica mais alta do capital e
- 10) "O resultado conjunto dessas principais características econômicas da terceira revolução tecnológica é uma tendência à intensificação de todas as contradições do modo de produção capitalista: a contradição entre a socialização crescente do trabalho e a apropriação privada; a contradição entre a produção de valores de uso (que chega a níveis incalculáveis) e a realização de valores de troca (que permanece atrelada ao poder de compra da população); a contradição entre o processo do trabalho e o processo de valorização; a contradição entre a acumulação de capital e sua valorização, e tudo o mais que se segue." (MANDEL, 1985, p. 138).

Uma dessas contradições que se intensifica de forma problemática para o capital no período da terceira revolução tecnológica é a generalização da automação:

Porque, se as empresas e ramos plenamente automatizados, e os conglomerados parcialmente automatizados, se tornarem numerosos a ponto de passarem a ser decisivos para a estrutura da totalidade da indústria, reduzindo as empresas industriais 'clássicas' a uma parcela relativamente pequena da produção total, as contradições do capitalismo tardio assumirão um caráter explosivo: a massa total de mais-valia – em outras palavras, o número total de horas de sobretrabalho – estará então tendencialmente condenada a diminuir. (MANDEL, 1985, p. 143).

A produção do capitalismo tardio deve ser uma unidade contraditória de empresas não automatizadas, semi-automatizadas e plenamente automatizadas nas diversas esferas da produção para que haja a produção do valor a partir do trabalho vivo. O contrário, a crescente e generalizada automação, deve acabar originando uma resistência do capital.

As formas dessa resistência são:

- o uso de trabalho barato nos ramos semi-automatizados da indústria, trabalho de mulheres e de menores, pois há um limite de lucratividade na automação generalizada;
- as mudanças constantes e a concorrência mútua na produção de conjuntos de máquinas automatizadas, o que impede o seu barateamento e a sua rápida introdução em outros ramos da indústria; e
- a busca incessante de novos valores de uso, inicialmente produzidos em empresas não automatizadas ou semi-automatizadas (Cf. MANDEL, 1985, p. 145).

É nesse quadro de tendência generalizada de automação da produção, todavia, no período da terceira revolução tecnológica, que reside o limite interior absoluto do modo de produção capitalista. Esse

(...) limite não reside na penetração capitalista completa do mercado mundial (isto é, na eliminação das esferas não capitalistas de produção) – (...) – nem na impossibilidade definitiva de valorizar o capital total acumulado, mesmo com um volume crescente de mais-valia, (...). Prende-se ao fato de que a própria massa de mais-valia diminui necessariamente em resultado da eliminação do trabalho vivo do processo de produção, no decorrer do estágio final de mecanização-automatização. O capitalismo é incompatível com a produção plenamente automatizada na totalidade da indústria e da agricultura, porque essa situação não mais permite a criação de mais-valia ou a valorização do capital. Conseqüentemente, é impossível que a automação conquiste a totalidade das esferas de produção, na época do capitalismo tardio. (MANDEL, 1985, p. 145).

A automação, ao eliminar trabalho vivo na produção, pode até ampliá-lo em todas as esferas que precedem a produção direta (laboratórios, departamentos experimentais e de pesquisa), que constitui parte do trabalho produtivo coletivo. Uma transformação de todos dos trabalhado-

res produtivos em cientistas, porém, traria grandes dificuldades para a valorização do capital. Além de ser incompatível com a produção mercantil, implicaria o fim da divisão social entre trabalho manual e trabalho intelectual:

Tal mudança básica no conjunto da formação social e na cultura do proletariado solaparia toda a estrutura hierárquica da produção fabril e da economia, sem a qual seria impossível a extorsão de mais-valia do trabalho produtivo. Em outras palavras, as relações de produção capitalistas entrariam em colapso. (MANDEL, 1985, p. 146).

Com interesse na autopreservação, o capital não pode transformar todos os trabalhadores em cientistas, bem como não pode automatizar completamente a totalidade da produção material.

Muitas são as conseqüências dessa tendência à diminuição da quantidade de trabalho criador de valor como resultado da automação. Ela afeta profundamente a capacidade do capitalismo tardio de parar a queda na taxa de lucros mediante aumento da taxa de mais-valia, bem como se mostra incapaz de impedir a intensificação das tensões sociais.

Dessa maneira (...), podemos ver neste ponto os motivos pelos quais é da própria essência da automação intensificar a luta em torno da taxa de mais-valia no capitalismo tardio e tornar cada vez mais difícil a superação dos obstáculos à valorização do capital, assim que a massa de homem-horas despendida na criação de valor começa a declinar. (MANDEL, 1985, p. 148).

Conclusão

O capitalismo tardio, como uma nova fase do imperialismo ou do capitalismo monopolista, tem por característica uma crise estrutural do modo de produção capitalista que não se exprime pela interrupção absoluta do crescimento das forças de produção. Lênin, que já o advertira nas suas análises sobre o imperialismo, acentua que, em

escala global, o imperialismo era caracterizado por uma aceleração do crescimento.

Assim, podemos afirmar, com Mandel, que a peculiaridade do imperialismo e de sua segunda fase, o capitalismo tardio, juntamente com a terceira revolução tecnológica

(...) não é um declínio nas forças de produção mas um acréscimo no parasitismo e no desperdício paralelos ou subjacentes a esse crescimento. A incapacidade inerente ao capitalismo tardio, de generalizar as vastas potencialidades da terceira revolução tecnológica ou da automação, constitui uma expressão tão forte dessa tendência quanto a sua dilapidação de forças produtivas, transformadas em forças de destruição: desenvolvimento armamentista permanente, alastramento da fome nas semicolônias (cuja produtividade média do trabalho se viu restrita a um nível inteiramente sem relação ao que é hoje possível, em termos técnicos e científicos), contaminação da atmosfera e das águas, ruptura do equilíbrio ecológico, e assim por diante. (MANDEL, 1985, p. 151).

Isto significa dizer que, no capitalismo tardio, ocorreu uma expansão mais rápida nas forças produtivas do que em qualquer outra época. O resultado, contudo, é deplorável se comparado às possibilidades da terceira revolução tecnológica, ao potencial da automação e à sua capacidade em reduzir o sobretabalho dos produtores nos países industrializados.

Mandel ressalta ainda, que "(...) o desperdício de forças reais e potenciais de produção pelo capital aplica-se não só às forças materiais, mas também às forças produtivas humanas." (MANDEL, 1985, p. 151), pois a terceira revolução tecnológica, época de inusitada fusão entre ciência, tecnologia e produção com grandes potenciais, dispensa mão-de-obra não qualificada em virtude da produção cada vez mais automatizada.

Essa foi a base histórica para a terceira revolução tecnológica, para a terceira 'onda longa com tonalidade expansionista' e para o capitalismo tardio, segundo sua própria lógica: busca constante de elevação da taxa de lucros, da intensificação da acumulação de capital, da renovação

tecnológica, da produção de mais-valia, lucros médios e superlucros e desenvolvimento de novas forças produtivas:

Tal é, com efeito, o significado da terceira revolução tecnológica. É isso também que determina os seus limites históricos. Fruto do modo de produção capitalista, ela reproduz todas as contradições internas dessa forma econômica e social. Gerada no seio do modo de produção capitalista na época do imperialismo e do capitalismo monopolista, a época da crise estrutural e gradativa desintegração desse modo de produção, esse surto renovado das forças produtivas deve acrescentar às contradições clássicas do capitalismo toda uma série de novas contradições. (MANDEL, 1985, p. 155).

Nesse período examinado, a automação generalizada, que possibilita uma diminuição na massa de mais-valia, não significa somente uma barreira absoluta para a valorização do capital. Segundo Mandel

(...) o desperdício e a destruição do desenvolvimento potencial que acompanha o desenvolvimento efetivo das forças produtivas é tão grande, que a única alternativa para a autodestruição do sistema, ou mesmo de toda a civilização, reside numa forma superior de sociedade (1985, p. 156),

ou seja, só haverá saída para a crise estrutural estabelecida com a terceira revolução tecnológica no capitalismo tardio com o socialismo.

Diante desses elementos, podemos deduzir, com Mandel, que a redução do tempo de rotação do capital fixo é uma das características fundamentais do capitalismo tardio devido à aceleração da inovação tecnológica que, por sua vez, resulta da repartição do capital industrial entre a atividade direta de produção e, de forma crescente, as esferas pré-produtivas, Pesquisa e Desenvolvimento. Podendo, ainda, haver uma tendência forte de investimento daquele capital com a indústria armamentista. Dessa forma, podemos ver que

(...) no contexto da história do capitalismo, a força decisiva por detrás da redução do tempo de rotação do capital fixo é incontestavelmente o fato de que a fonte prin-

capital de superlucros reside agora nas "rendas tecnológicas" ou no diferencial de produtividade entre firmas e ramos da indústria. A busca sistemática e contínua de inovações tecnológicas e dos superlucros correspondentes torna-se o padrão característico das empresas do capitalismo tardio, e especialmente das grandes empresas de capital aberto do capitalismo tardio. Essa caça aos superlucros empreendida pelos "diferentes capitais" toma a forma, para "o capital em geral", da pressão para reduzir o custo do capital constante e para aumentar a taxa de mais-valia através da produção adicional de mais-valia relativa. (MANDEL, 1985, p. 157).

Uma outra conseqüência da terceira revolução tecnológica, origem e resultado da inovação tecnológica acelerada e da redução do tempo de rotação do capital fixo, é a repercussão negativa sobre o tempo de vida útil do capital fixo, pois ao aumentar a velocidade do uso das máquinas, há uma aceleração de sua própria obsolescência.

Mas, a aceleração do tempo de rotação do capital fixo também influencia o tempo de rotação do capital circulante que acaba por acelerar todo os processos capitalistas:

Por um lado, ela amplia a demanda de atividade corrente de investimento. Isso conduz a uma reconversão contínua do capital circulante em capital fixo e aumenta a tendência, que de qualquer maneira é inerente ao capitalismo monopolista, das empresas a converterem seu capital total em capital fixo e obterem de créditos bancários a maior parte, senão a totalidade, do seu capital circulante. Isso tem repercussões no autofinanciamento das empresas, o qual é uma das características mais importantes que distinguem o capitalismo tardio do imperialismo clássico dominado pelo capital financeiro, descrito por Lênin. Tem também efeitos sobre o conjunto da atividade dos bancos na criação de créditos e dinheiro, (...). Por outro lado, aumenta o interesse do capital numa aceleração ainda maior do tempo de rotação do capital circulante enquanto fonte de produção adicional de mais-valia, que se torna ainda mais importante na medida em que a aceleração do tempo de rotação do

capital fixo aumenta a composição orgânica do capital e, assim, cria uma pressão adicional no sentido de um acréscimo compensador na massa e na taxa de mais-valia. O resultado é uma tendência no sentido de “aceleração” de todos os processos capitalistas, a qual se expressa, entre outras maneiras, nos fenômenos paralelos de uma intensificação mais aguda do processo de trabalho e de uma “aceleração” mais rápida (diferenciação quantitativa e deterioração qualitativa) do consumo dos operários – isto é, na própria reprodução da força de trabalho. (MANDEL, 1985, p. 158).

Segundo Mandel, essa aceleração generalizada suscitada pela terceira revolução tecnológica do capitalismo tardio, acaba por se configurar em todas as vertentes da vida, inclusive no âmbito ideológico. Essa alta rotatividade do capital fixo, do capital circulante e do capital variável juntamente com a obsolescência das mercadorias no capitalismo tardio é que poderia explicar a fragmentação e velocidade da esfera ideológica. É um estágio de ‘aceleração’ do processo produtivo que acaba repercutindo em todas as esferas da vida. Dessa forma, relativamente à questão da ideologia, podemos afinar com a posição de Mandel:

Essa contradição entre a racionalização das partes e a irracionalidade do conjunto, que alcança seu apogeu na época do capitalismo tardio, é a chave para uma compreensão da ideologia do capitalismo tardio. (MANDEL, 1985, p. 174).

Referências Bibliográficas

LENIN, V. Ilitch. *O imperialismo: fase superior do capitalismo*. 2. ed. Tradução de Silvio Donizete Chagas. São Paulo: Centauro, 2002.

MANDEL, Ernest. *O capitalismo tardio*. Apresentação de Paul Singer; tradução de Carlos Eduardo Silveira Matos, Regis de Castro Andrade e Dinah de Abreu Azevedo. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985. (Os Economistas).